

## **Imagem, Educação e Reflexões: discutindo a representação de sucesso escolar através do uso de imagens**

Arlena Maria Cruz de Carvalho  
Mestre em Educação - Psicóloga - Psicopedagoga  
Diretório de Pesquisa “Jovens em Rede” - PUC-Rio

### **Resumo**

Este trabalho tem por objeto de estudo a representação social de sucesso escolar. A coleta de dados foi baseada em depoimentos de professores e em escolhas de figuras representativas do tema sucesso. O uso de imagens possibilitou a comparação entre o que é dito verbalmente com o que é representado simbolicamente. Na análise de dados, para cada imagem proposta foi feita uma extensa pesquisa sobre o possível significado de seus símbolos envolvidos e como eles poderiam ter interferido nas escolhas dos professores. Foi feito um cruzamento entre os depoimentos verbalizados e os significados das imagens escolhidas que permitiu um mapeamento dos pontos de concordância e de discordância entre eles aferindo-se o que revelavam essas escolhas. Qual a representação que ofereciam essas imagens e a que se remetiam? Essa discussão é o cerne do presente trabalho. Concluiu-se que sucesso escolar pode ser representado pela capacidade do sujeito contribuir para o crescimento saudável de si mesmo e da sociedade em que vive. Conhecer a representação de sucesso escolar e as questões inconscientes envolvidas é fundamental para o trabalho do educador vindo a refletir em sua própria vida e na do educando pois vai influenciar na forma como ele se posiciona em relação ao aluno e a educação.

Palavras-chave: educação, sucesso, imagem

### **Abstract**

This paper's aim is to study the social representation of academic success. Data collection was based on testimony from teachers and their choices of pictures representing the theme “success”. The use of images make possible to compare what is said verbally with what is represented symbolically. In analyzing the data some steps were taken: for each proposed image an extensive research was made, exploring possible meanings of the symbols involved and how they might have interfered in teachers' choices. Comparative analyses between the verbalized statements and images meanings allowed the mapping of agreement and disagreement points, helping to understand those choices. What were the social representations that these images offered and to what were they referred? This discussion is at the heart of this work. It was concluded that academic success can be represented by the

subject's ability to contribute to healthy growth of himself and to the society in which he lives. To understand the social representation of academic success and the unconscious issues involved is essential to the work of educators. This understanding reflects on their own lives and also on their students, because it will influence how educators positions themselves in relation to students and the education process.

Keywords: education, success, image

## **1 – Apresentando o tema**

Muito já se discutiu sobre fracasso escolar. Olhando a questão da educação sob um novo viés, este trabalho tem por objeto de estudo o sucesso escolar. Foi pesquisada a representação social que professores de ensino médio têm sobre esse tema. A coleta de dados foi baseada em depoimentos de 18 professores e em escolhas de figuras representativas do tema sucesso. O uso de imagens, por ser material rico em significado, possibilitou a comparação entre o que é dito verbalmente com o que é representado simbolicamente.

As imagens escolhidas para serem apresentadas nas entrevistas foram selecionadas após uma análise feita por um corpo de juízes, todos integrantes de um grupo de pesquisa com experiência em imagens. Foi debatida a força da representatividade de cada uma e eleitas as 10 que mais se adequavam a pesquisa em questão. Dentre as selecionadas, o entrevistado escolhia 2 imagens: uma que lhe transmitisse uma idéia positiva e a outra, negativa ao pensar em sucesso. Após cada escolha, era feita uma justificativa.

Na análise do dados, para cada imagem proposta foi feita uma extensa pesquisa sobre o possível significado de seus símbolos envolvidos e como eles poderiam ter interferido nas escolhas dos professores. Teve por base a psicanálise, literatura de modo geral, contos de fadas, histórias em quadrinhos, as artes e mitologia. Foi feito um cruzamento entre os depoimentos verbalizados e os significados das imagens escolhidas que permitiu um mapeamento dos pontos de concordância e de discordância entre eles aferindo-se o que revelavam essas escolhas. Qual a representação que ofereciam essas imagens e a que se remetiam? Essa discussão é o cerne do presente trabalho.

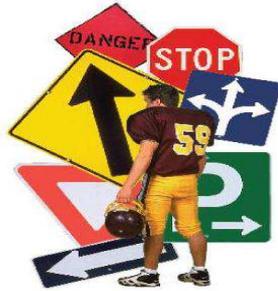
Acredita-se que a escolha dos professores, ao elegerem imagens e as classificarem como negativas ou positivas, foi, predominantemente feita por associação que, segundo Hall (1986, p.218) é “um fluxo espontâneo de pensamentos e imagens interligados em torno de uma idéia específica, estabelecido por conexões inconscientes”. Portanto, fala-se mais de

escolhas inconscientes do que conscientes ao utilizarem-se imagens.

## 2 – O que nos dizem as imagens

A seguir serão apresentadas as imagens utilizadas na pesquisa. Como já mencionado, para cada uma foi feito um estudo dos possíveis significados dos símbolos retratados.

### 2.1 – Imagem 1



Para o grupo de juízes, assim foi vista: indecisão, dúvidas, alguém que precisa de um orientador. Ela não foi escolhida por nenhum dos entrevistados como uma imagem positiva e foi escolhida por 3 pessoas como negativa. A ela foi atribuída a ideia de indecisão, indefinição, de não saber o que se quer da vida. Um dos entrevistados escolhe esta imagem como negativa embora, na verdade, a considere como algo que dificulta o sucesso, mas não o inviabiliza.

Diante de várias possibilidades de escolha, é comum ouvirmos alguém falar que está diante de uma encruzilhada. Para Chevalier (1994, p.369), “cada ser humano é, em si mesmo, uma encruzilhada onde se cruzam e se debatem os aspectos diversos de sua pessoa”. Dentro do mito de Édipo, o encontro com o destino acontece em uma encruzilhada. Foi em uma que Édipo, mesmo tendo tentado fugir de seu destino, é obrigado a confrontá-lo e realizá-lo quando encontra seu verdadeiro pai (Laio) e o mata. Chevalier (1994, p.370) acrescenta:

A encruzilhada não é um terminal, mas apenas um ponto de repouso ou de parada, um convite para que se vá mais além. Pára-se numa encruzilhada (...) quando se constata a própria incapacidade de escolher por si mesmo: neste caso, a encruzilhada passa a ser o lugar da meditação e da espera, mas não da ação. No entanto, ela também é o lugar da esperança: o caminho seguido até aqui não estava obstruído; cada nova encruzilhada oferece uma nova possibilidade de escolher o caminho certo.

Para nossos entrevistados, a dúvida não tem uma representação positiva quando se refere a sucesso. Parece que todos têm que apresentar uma imagem de sucesso sempre. Não existe lugar para a incerteza, a indecisão ou o desânimo.

## 2.2 - Imagem 2



Para o grupo de juízes, foi associada a vencer barreiras e não ter medo, sair dos cânones, ter liberdade. Esta imagem não foi escolhida por nenhum professor seja como positiva ou como negativa. O que pode estar por trás dessa não escolha? Talvez pelo que está por trás da representação social do surfista. Surfista, para muitos, está associado ao não trabalhador e/ou alguém que não gosta de estudar. Portanto, esta imagem, para professores, não é “politicamente correta” quando associada a sucesso. Na mitologia, o mar está ligado ao deus Poseidon (ou Netuno):

Deus dos Mares, dos Oceanos, dos Rios, das Fontes, dos Lagos, o domínio das águas. (...) Poseidon, (...) seria o símbolo das águas primordiais, das águas de baixo, não de cima, onde a vida tem nascimento, mas de modo ainda indiferenciado, tempestuoso e monstruoso. (Chevalier, 1994, p.738).

Chevalier (1994, p.634) afirma que Netuno, “no simbolismo astrológico do planeta, marca sua influência, no plano social, sobretudo, no anarquismo”.

Em Chevalier (1994, p.658), também, encontramos: “como nas chamas ou nas nuvens, o mergulho nas ondas indica uma ruptura com a vida habitual: mudança radical nas ideias, nas atitudes, no comportamento, na existência.”

Portanto, esta imagem pode nos remeter ao perigo que é romper com o habitual nos vários sentidos da existência. Teriam também os professores este desejo de ruptura e, por isso mesmo, o temem? Segundo um dos professores, “*a grande transformação da escola até aqui foi a cor do quadro-negro*”. A educação teme a rebeldia representada pelo surfista, a possibilidade de manobras/mudanças radicais, a coragem de mudar, tirar os pés da terra firme e já conhecida e ousar andar nas ondas? O que pode representar isso para a educação? Será melhor calar diante dessa imagem e deixá-la em uma espécie de limbo, como se não existisse?

### 2.3-Imagem 3



Para o grupo de juízes, esta imagem foi associada a sucesso relativo. Foi uma das duas únicas imagens que receberam votos como sendo positiva e como negativa.

Para 2 pessoas foi considerada uma imagem positiva, por retratar alguém com boa autoestima, que tem de si uma boa imagem. Um professor justifica não gostar da imagem associando-a a educação: *“muitas vezes, temos uma imagem distorcida daquilo que estamos vendo. Ele se vê mais forte do que é. Isso é um complicador em educação. Às vezes, a gente se vê mais poderoso do que é”*. Sobre esta fala, podemos pensar: que imagem do que vemos pode estar distorcida? A do aluno, que esperamos que fosse um modelo ideal incompatível com a realidade educacional que vivemos hoje? Ou a da própria educação que recebe, por parte da sociedade (principalmente de algumas famílias), a representação de ser redentora, transformando radicalmente vidas e dando conta do que outras instâncias não conseguiram fazer?

Segundo Chevalier (1994, p.461), *“o simbolismo do gato é muito heterogêneo, pois oscila entre as tendências benéficas e as maléficas, o que se pode explicar pela atitude, a um só tempo, terna e dissimulada do animal”*. E reforçando este aspecto dúbio da simbologia do gato, pode-se ressaltar que, entre os entrevistados, foi uma imagem que gerou simpatia em alguns e antipatia em outros.

Sobre os animais representados, além de serem felinos, Chevalier (1994, p.462), apresenta simbolicamente outro tipo de ligação entre o gato e o leão: *“De acordo com a lenda, como os ratos incomodassem os passageiros da Arca, Noé passou a mão na testa do leão que espirrou, lançando fora um casal de gatos; esta é a razão pela qual esse animal se assemelha ao leão”*.

De acordo com a representação dada pelos entrevistados que o viram de forma positiva, o leão tem como simbolismo ser *“poderoso, soberano, símbolo solar e luminoso ao extremo, rei dos animais”* (CHEVALIER, 1994, p. 538). Porém, assim como o gato, reforça os sentimentos opostos que foram suscitados em quem elegeu a imagem como positiva ou como

negativa:

está imbuído das qualidades e defeitos inerentes à sua categoria. Se ele é a própria encarnação do Poder, da Sabedoria, da Justiça, por outro lado, o excesso de orgulho e confiança em si mesmo faz dele o símbolo do Pai, Mestre, Soberano que, ofuscado pelo próprio poder, cego pela própria luz, se torna um tirano, crendo-se protetor. Pode ser, portanto admirável, bem como insuportável: entre esses dois pólos oscilam suas numerosas acepções simbólicas. (CHEVALIER, 1994, p.538).

Embora o gato e o leão apareçam nas falas dos entrevistados como figuras principais, nesta imagem existe outro elemento rico em significados: o espelho. Em Chevalier (1994, p. 396), podemos encontrar:

O espelho não tem como única função refletir uma imagem; tornando-se a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, através dessa participação, passa por uma transformação. Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla.

Ao se contemplar no espelho e admirar a imagem do leão, pode o gato adquirir uma nova configuração/representação? Para Manguel (2006, p.182),

No tempo de Platão, os sofistas haviam igualado esses reflexos (no espelho) à irrealidade da sólida carne e osso. Para os sofistas, ambas eram ilusões. (...) Porém, mesmo que a realidade de uma face viva tivesse de ser admitida, que dizer da realidade da sua representação? Que grau de realidade tinha uma máscara, o desenho de uma face ou um reflexo no espelho?

Fica então, a questão: o quanto existe de leão no gato que vê sua imagem refletida no espelho?

Mas dezenas de imagens falsas de nós mesmos nos rodeiam e por essa razão o emblema do Conhecimento (um espelho nas representações alegóricas do fim da Idade Média e da Renascença) é também o símbolo da vaidade. A face que vemos no espelho pode ser a de nosso eu, aquele que deve ser apresentado a Deus, pois toda face humana é auto-retrato de Deus: é também um retrato do eu desejoso, o duplo, o proibido, o eu desejado ou imaginado à procura de conhecer a própria identidade. (MANGUEL, 2006, p.186).

Não estará esse gato descobrindo outro lado seu que faz (ou poderá vir a fazer) parte de sua identidade? Não poderá mirar-se em um espelho, ser uma busca de um conhecimento maior de si mesmo?

E invocando o mito de Narciso, Manguel (2006, p.186) continua: “Para conhecer objetivamente quem somos, devemos nos ver fora de nós mesmos, em algo que contém a nossa imagem, mas não é parte de nós, descobrindo o interno no externo, como fez Narciso quando se apaixonou pela sua imagem no lago.”

Também nos contos de fadas, vemos o espelho como um oráculo que a personagem usa buscando se conhecer ou se reafirmar. No conto “Branca de Neve e os sete anões”, a rainha má usa o espelho para ter certeza da existência do que ela considera uma característica de valor em si. Neste conto dos Irmãos Grimm, a personagem perguntava todos os dias ao seu espelho sobre a mais bela das mulheres, ficando furiosa quando ouviu:

— Branca de Neve é agora a mais bela!

(Ficará, também, o gato furioso quando o espelho lhe disser quem realmente ele é?)

Em consonância com Manguel, Bettelheim (1980, p.242) também remete este tema ao mito de Narciso: “Quando a rainha consulta o espelho quanto a seu valor - a beleza -, repete o tema antigo de Narciso que só amava a si mesmo, de tal forma que foi tragado pelo auto-amor”. Chevalier (1994, p. 630) faz uma reflexão sobre o mito de Narciso:

A água serve de espelho, mas um espelho aberto sobre as profundezas do eu: o reflexo do eu, que aí se mira, trai uma tendência à idealização”. E, o mesmo autor acrescenta: “O mundo é um imenso Narciso empenhado em se pensar. Onde se pensaria ele melhor senão nas suas imagens?”

Chevalier reforça o simbolismo do espelho como um auxiliar na busca da verdadeira imagem/identidade. O que nos mostra o espelho? A realidade ou aquilo que queremos ver? Qual será a imagem que mais se aproxima do que somos? Se diante do espelho, podemos nos propor um autoconhecimento, não devemos refletir sobre a imagem que se apresenta ou que queremos representar?

## 2.4 -Imagem 4



Para o grupo de juízes, esta imagem foi representada como sucesso com a família, continuidade, esperança. Ela não foi escolhida por ninguém como imagem negativa. Foi a imagem mais votada como positiva, por remeter à família, à continuidade de um processo. Mostra um homem (que todos entenderam que seria um pai) segurando uma criança (entendida como filho) no alto como se a estivesse apresentando (aos deuses?). É um momento que, pela luminosidade, sugere o amanhecer. As silhuetas estão destacadas por uma luz que sugere o sol nascendo (ou seria o sol se pondo?).

Para um dos entrevistados, representa “*família, a continuidade do processo. A imagem me transmite tranqüilidade. Espero que seja uma família estruturada que o pai não esteja só passando o final de semana com o filho. Para mim, uma das dimensões mais forte da existência humana é a família. Estou falando de um sucesso pessoal. É a possibilidade de continuidade. Eu digo que cada geração tem que dar um passo à frente da geração anterior*”.

A imagem lembra a cena do filme “Rei Leão” onde o sábio Rafiki, acompanhado dos

pais do bebê (o rei Mufasa e a rainha Sarabi), levanta o filhote de leão Simba e o apresenta aos seus súditos. Um dos eixos deste filme é a continuidade. Simba, após a morte de seu pai, precisa assumir o comando das “Terras do Reino”. Embora, por acreditar ter causado a morte de seu pai, Simba fuja, o futuro o aguarda e o chama para assumir seu lugar de direito com a responsabilidade que lhe cabe. A música tema desse filme chama-se “Ciclo sem fim” que expressa essa continuidade citada pelos entrevistados. Um ciclo sem fim como uma espiral poderíamos dizer. Para Chevalier (1994, p.398), “a *espiral* tem relação com o simbolismo cósmico da Lua (...): representa os ritmos repetidos da vida, o caráter cíclico da evolução, a permanência do ser sob a fugacidade do movimento”.

Foi considerada fundamental para um dos entrevistados, pois a percebeu como sendo a representação de um sucesso primeiro que pode dar origem aos outros: “*Me remete ao sucesso familiar que para mim é mola mestra. Dele eu saio para os outros*”. Para vários professores, ao serem perguntados sobre os fatores que influenciavam o sucesso de uma pessoa, a família tinha um lugar de destaque como é reforçado na fala anterior.

Quanto ao período do dia, na imagem fica a dúvida se seria um amanhecer ou um entardecer. Em Chevalier (1994, p.588), “manhã é ao mesmo tempo símbolo de pureza e de promessa: é a vida paradisíaca. É ainda a hora da confiança em si, nos outros e na existência”. Linda representação da confiança que o filho deposita em seu pai!

Já o entardecer, ou *Crepúsculo*, é um

símbolo estreitamente ligado à idéia do Ocidente, a direção onde o sol declina, se extingue e morre. Exprime o fim de um ciclo e, em conseqüência, a preparação de outro. O crepúsculo é uma imagem espaço-temporal: o instante suspenso. O espaço e o tempo vão capotar ao mesmo tempo no outro mundo e na outra noite. Mas essa morte de um é anunciadora do outro: um novo espaço e um novo tempo sucederão aos antigos. (CHEVALIER, 1994, p. 300).

Como no filme citado anteriormente, é um “ciclo sem fim”.

## 2.5 - Imagem 5



Para o corpo de juízes, ela representa formatura, realização pessoal. Para os professores, foi a outra imagem que recebeu voto positivo e voto negativo. Porém, apenas um voto em cada categoria.

Foi descrita como “*o chegar. Gosto de competir mas gosto mais de ganhar. É o início do sucesso na vida de um pessoa*”. Como início do sucesso? Será que esse professor considera que o estudo foi apenas uma preparação para a formatura/sucesso? E o sucesso ao longo do período escolar?

Ao buscarmos um mito que possa ser associado a essa imagem, talvez seja o de Prometeu que melhor se adequa, pois se “situa na história de um criação evolutiva: marca o advento da consciência, o aparecimento do homem.” (CHEVALIER, 1994, p.745). Prometeu rouba de Zeus, o fogo para dá-lo ao homem, fogo considerado como o fogo do conhecimento, que era exclusivo dos deuses. Para castigá-lo, Zeus o condena a ficar acorrentado ao cume de um monte, onde todos os dias uma águia ia comer-lhe o fígado que se regenerava durante a noite transformando seu suplício em algo sem fim. Mas Heracles mata a águia e liberta Prometeu.

o mito de Prometeu ilustra a vontade humana de intelectualidade; mas de uma via intelectual, à semelhança da dos deuses, que não esteja sob a dependência absoluta do princípio de utilidade. (...) Ora, é manipulando o objeto, é aperfeiçoando nosso conhecimento objetivo, que podemos esperar nos colocar mais claramente no nível intelectual que admiramos em nossos pais e mestres. (...) Se a intelectualidade pura é excepcional, ela é sobretudo característica de uma evolução especificamente humana. (CHEVALIER, 1994, p.746).

Em contrapartida, outro professor não gosta dessa imagem por considerar que dá a ideia de formatura como pura diversão: “*Quando as coisas são conquistadas de maneira muito rápida, sem o sofrimento que eu acho que é inerente a uma conquista, o prêmio perde o valor*”. Ele salienta a necessidade de sacrifício para chegar ao sucesso em oposição a opinião de vários que falaram exatamente que o sucesso não pode ser associado ao sacrifício. Pensará ele que, como Prometeu, que pagou um preço alto para que o homem tivesse o fogo do conhecimento, todos precisam pagar para usufruir do sucesso alcançado?

## 2.6 - Imagem 6



Para o grupo de juízes esta imagem teve a seguinte representação: liberar-se dos estereótipos, vencer, busca de novos caminhos. Entre os entrevistados, ninguém a escolheu como negativa e 3 pessoas a consideraram uma imagem positiva.

Uma delas afirma se identificar com o rapaz retratado na imagem: *“tem a ver comigo. O rapaz se desprende de tudo que estava amarrando ele. Ele fazia algo que dava status mas não felicidade. Largou terno, maleta... foi embora”*.

Nos dias de hoje, alguém que tenha a coragem de largar o que dá status e viver esse tipo de liberdade pode ser considerado por muitos como um louco. E Louco é uma das cartas do Tarô. Cada uma das vinte e duas cartas do Tarô recebe um número, exceto a do Louco, que pode ser considerada a carta de número zero ou número vinte e dois. Segundo Nichols,

O Louco é um andarilho, enérgico, ubíquo e imortal. Como não tem número fixo, está livre para viajar à vontade, perturbando, não raro, a ordem estabelecida com as suas travessuras. (...) O Louco “liga dois mundos – o mundo contemporâneo de todos os dias, onde quase todos nós vivemos a maior parte do tempo, e a terra não-verbal da imaginação, (...) que visitamos de vez em quando. (1997, p.39).

Talvez os profissionais ligados à educação precisem visitar mais esse mundo da imaginação para melhor cumprirem seu papel!

Segundo Chevalier (1994, p.560),

De todas as cartas do Tarô, “eis a mais misteriosa, a mais fascinante, portanto, e a mais inquietante. (...) O Louco não tem número. Ele se coloca, portanto, de fora do jogo, isto é, fora da cidade dos homens, fora dos muros. (...) E acima de tudo, ele caminha, isto é o importante, ele não vaga errante, ele avança. (...) Ele caminha na frente, com uma evidência solar, sobre as terras virgens do conhecimento, para além da cidade dos homens.

O tema libertação também é expresso na fala de um professor: *“porque ele me passa leveza, essa coisa de deixar todos esses símbolos do poder que ele conquistou e sentir a coisa da terra, sei lá, da humildade, de ter sempre o pé no chão”*.

Na Bíblia, no Evangelho de São Marcos, cap.10, 17-22, podemos encontrar a passagem que conta a história do jovem rico. Nela, Jesus, ao ser perguntado sobre o que é preciso fazer para alcançar a vida eterna, explica que, além de seguir os mandamentos, é preciso desprender-se dos bens materiais para possuir o verdadeiro tesouro.

Será este tesouro a liberdade a que um entrevistado se refere quando diz: *“A capacidade de se libertar e se encontrar com o que ele tem do melhor dele mesmo. Está na cara que ele conseguiu o que ele queria. Ele é um cara ajustado, para mim”*. E acrescenta: *“Este cara conseguiu tudo o que queria, mas ele tem a capacidade de se despir disso tudo e voltar para a sua essência, sentir a temperatura, sentir a energia, e se libertar. É um cara que tem sucesso positivo. Ele me passa a imagem de uma pessoa feliz”*.

Possivelmente, é o reflexo da atuação do Louco na vida desse homem retratado na figura e que seria desejável que também atuasse na vida do professor.

Nichols (1997, p.40), explica:

O nosso louco interior nos empurra para a vida, onde a mente reflexiva pode ser supercautelosa. O que se afigura um precipício visto de longe pode revelar-se um simples bueirozinho quando enfocado com a volúpia do Louco. Sua energia varre tudo o que estiver à frente, levando outras criaturas de roldão como folhas impelidas por um vento forte. Sem a energia do Louco todos seríamos meras cartas de jogar.

## 2.7 - Imagem 7



Para o grupo de juízes, esta imagem está ligada a esforço, a vencer. Não recebeu nenhum voto como imagem negativa e apenas uma pessoa a escolheu como imagem positiva.

A imagem de uma atleta prestes a romper a fita de chegada de uma corrida para um dos entrevistados exprime a idéia de sucesso conquistado: *“tenho muito a idéia de sucesso com esforço. Eu acho muito legal as Olimpíadas. O país começa a pensar no esforço, no profissional que levou anos para chegar lá, ganhar uma medalha representando um país inteiro. O atleta chega lá e fica emocionado não pelo que ele ganhou mas por que representa um país. Então para mim, sucesso está muito ligado a um esforço pessoal”*.

Esta fala está em acordo com Chevalier (1994, p.433) quanto ao simbolismo da fita: *“A fita recompensa um ato de coragem ou uma vida que se distingue, marca um sucesso, um triunfo, uma realização. Seu símbolo é orientado no sentido da manifestação de uma vitória”*.

## 2.8 - Imagem 8



Para o corpo de juízes esta imagem teve a representação de: precisar desenvolver muitas faces para atingir o sucesso; o que se faz para alcançar o sucesso; se transfigura para

alcançar o sucesso; corpo todo vivo, exposto, assustador; lado negativo do sucesso. Esta foi a imagem que mais incomodou aos entrevistados, chegando a causar mal-estar em alguns. Não foi escolhida por ninguém como positiva, sendo, inclusive, comparada com o oposto de sucesso.

Um dos professores afirmou: *“Aqui parece uma confusão. Milhões de cabeças, de rostos e as pessoas sofrendo. Tudo misturado num corpo só. Parece que é cheio de perguntas, cheio de dúvidas sem soluções. Sofrimento. Sucesso não tem que trazer sofrimento mas alegria”*. Outro entrevistado foi bastante enfático: *“tenho pavor desta. É dor, é sofrimento. Qual é a identidade dessa criatura? Não tem. Ela tem tanta cara que não é nada. É só dor”*. Esta imagem também foi associada à agonia. Foi assim descrita: *“muito angustiada, meio violenta. Corpo formado de rostos meio contraídos. Relação frente ao mundo de muita agonia. É o contrário do que seria sucesso, quanto menos angustiado for, melhor”*.

É interessante notar que ninguém a elegeu como imagem positiva e foi a mais votada como negativa. Alguns chegaram a comentar sobre a sensação ruim que ela lhes causava.

Assim como Guernica de Picasso, a imagem é feita variando em uma única cor, neste caso, o marrom. Em Julien (1993, p. 119), encontramos sobre o significado desta cor: *“O marrom, cor da terra, do barro e da folhagem de outono encerra idéias de degradação, da morte (...) cor da materialidade, o marrom corresponde à etapa agressiva latente ou potencializada, à obstinação, avareza e egoísmo”*.

Quanto à escolha de Picasso de trabalhar sem utilizar as diferentes cores, Fayga (1998, p.61) esclarece:

Na elaboração do conteúdo trágico da obra (...) podemos observar Picasso chegando a uma decisão crucial, da mais alta relevância expressiva (e pouco importa se ele a tomou conscientemente ou não, com ou sem palavras; o que vale é que de fato ele tomou esta decisão): ele renuncia às cores. A renúncia tem as seguintes conotações: significa restringir o sentimento de prazer que nos vem ao percebermos a sensualidade que emana das cores. Tanto nos fenômenos da natureza quanto nas obras de arte, há sempre este prazer intenso, inteiramente espontâneo e natural, diante da cromaticidade da cor.

*Manguel (2006, p.210), também reflete sobre esta decisão de Picasso: “Ele decidiu não usar cor: os animais aterrorizados, as mulheres aos gritos, pairam sobre o espectador em preto-azulado e branco-sujo.” Assim como Guernica, a imagem 8 não causa prazer ao ser observada. Para alguns entrevistados, a imagem parece deformada. Fayga (1998, p.3) nos diz:*

É preciso entender que a arte não é uma mera técnica de reprodução das aparências de figuras humanas, paisagens ou objetos (como se fosse uma espécie de precursora da fotografia de documentação). A arte é uma linguagem própria, cujos termos específicos – cores, linhas, formas – são expressivos em si, e cujos contrastes e ênfases-formais também se tornam expressivos. As ‘distorções’, por exemplo, correspondem a ênfases formais, ênfases seletivas acentuando certos aspectos no conteúdo expressivo de uma mensagem.

Talvez, tenha sido essa a intenção do autor ao fazê-la distorcida, variando em uma única cor.

Em outra obra, Ostrower (1991, p.311) complementa:

Em essência, podemos dizer que a deformação constitui um processo de acentuação formal. O sentido pejorativo que envolve o termo ‘deformação’ ou ‘distorção’ apenas revela que, aqui como em tudo, entram em jogo valorizações inconscientes. (...) sem querer entrar aqui no mérito da feiúra ou da beleza (...), apenas deve ficar claro que na idealização e no embelezamento também há uma ‘deformação’. Mas, no caso, é mais fácil aceitá-lo.

Um dos entrevistados lembra que temos que passar a imagem de sucesso sempre. E nesse caso, não importa quão (de)formada ela possa ser ou, ter por debaixo da aparência, a essência do preço do sacrifício. Ele também associa a imagem ao que a escola pode ser para alguns alunos que por ela passam: inferno e sacrifício. Em suas palavras: *“Pela expressão de dor que ela me transmite, me dá uma sensação...uma ideia equivocada posta pela sociedade de que vencer é um sacrifício. O sucesso não pode ser pagando sacrifícios. Como na escola, você tem que passar por um inferno que é a escola para um dia ser alguém na vida. É como é a vida escolar para muitos alunos. Isso não pode estar ligado a sucesso. Sucesso é uma consequência de ações. Não é preciso passar pelo inferno para conseguir chegar ao céu”*.

Quando o professor fala do inferno que o aluno pode passar na escola para ser alguém na vida, estará ele também se remetendo a um possível inferno que o professor também vem passando para dar suas aulas? Sendo desrespeitado, tendo seu valor como profissional sendo questionado inclusive pelos alunos e suas famílias? Terá sido este o desconforto maior que a imagem causou nos professores?

## 2.9 - Imagem 9



Para o grupo de juízes, esta imagem foi associada a ser dono do mundo, superação de obstáculos, conquista, otimismo. E lançaram uma pergunta: Estará ele começando ou chegando ao final e comemorando? Esta imagem não foi escolhida por ninguém como negativa e recebeu 4 votos como imagem positiva. Entre as pessoas que a escolheram,

nenhuma compartilhou a dúvida sobre estar começando ou chegando ao final lançada pelo grupo de juízes.

Nesta imagem, temos o simbolismo da *ponte*, que sugere um caminho que nos permite atravessar para outro lado. E nesta ponte em questão faltam algumas tábuas que foram associadas a obstáculos e desafios a serem transpostos. E a realização dessa passagem (assim como a jornada realizada pelo herói) trará benefícios que deverão ser estendidos a toda a sociedade. Para onde pode levar a ponte chamada educação?

Um dos professores diz se identificar com esta imagem: *“o indivíduo está com o mundo nas mãos mas não parou, permanece na busca. Eu me identifico com ela”*.

Essa imagem pode nos remeter ao mito do herói que, como diz Müller (1997, p.8), está sempre presente na história dos homens:

O drama da pessoa heróica, que tem coragem para vencer todas as adversidades e medos, apesar dos perigos, para penetrar em esferas até então desconhecidas e ganhar novos conhecimentos, fascinou os homens de todas as culturas e de todas as épocas como nenhum outro tema. (...) o ser humano que se arrisca no novo, no desconhecido e no extraordinário. (...) ele representa as grandes esperanças e os profundos anseios da humanidade.

Segundo Brandão (2001, p.23)

o herói inicia suas aventuras, a partir de proezas comuns num mundo de todos os dias, até chegar a uma região de prodígios sobrenaturais, onde se defronta com forças fabulosas e acaba por conseguir um triunfo decisivo. Ao regressar de suas misteriosas façanhas, ao completar sua aventura, circular, o herói acumulou energias suficientes para ajudar e outorgar dádivas inesquecíveis a seus irmãos.

Assim como o herói que, com a vitória de sua jornada, favorece aos seus irmãos, um professor ressalta a importância de se contribuir (favorecer) com a sociedade em que está inserido: *“o cara com o mundo nas mãos. Ele tem muitas oportunidades nesse mundo de ser quem ele quer ser, de seguir as suas tendências. Tem que ser feliz fazendo o que ele gosta e precisa contribuir para esse mundo que ele está segurando, com a sociedade. Se ele gostar do que faz, ele tem muito mais chances de contribuir para a sociedade fazendo bem o que está fazendo do que se ele visar só o dinheiro ou querer ser o primeiro, o melhor, ou ter uma imagem que não é verdadeira....”*. Percebe-se que ele faz um contraponto com a imagem 10 que mostra apenas dinheiro e com a imagem 3 que mostra uma imagem de si mesmo que instiga a dúvida sobre ser não-verdadeira.

## 2.10 - Imagem 10



Para o grupo de juízes, a imagem foi associada a sucesso material, financeiro. Ela não foi escolhida por ninguém como positiva e foi escolhida por 3 professores como negativa.

Um professor expressa sua opinião sobre esta imagem: *“sucesso é alguém estar bem consigo mesmo... consegue ter o essencial para viver, praticar a virtude, se sente bem, tem sua criatividade liberada, afetividade bem resolvida. Estar cheio do dinheiro e ter tudo isso é maravilhoso. Mas se significa que você tem que passar como um trator por cima das pessoas para acumular o que não é seu. Isso é terrível para mim. É endossar o capitalismo de maneira perversa”*.

Mas é preciso passar como um trator para acumular dinheiro? E se ele trabalhou, por que o dinheiro não pertence a ele legitimamente? Isso não é levantado por nenhum professor.

Outro justifica sua escolha: *“não sei se eu vejo sucesso como estar cheio de dinheiro. É a imagem de uma pessoa que ganhou muito dinheiro, está sozinha mas muito rica. É um sucesso financeiro, realmente é um sucesso, mas eu não sei se para mim sucesso é sucesso financeiro”*. Mas, em outros momentos de suas falas, todos associam sucesso com ter realização profissional e pessoal. Para isso não precisa ter dinheiro? Vários, ao longo da entrevista, reclamaram do baixo salário do professor, das políticas que desvalorizam esse profissional. Um bom salário também não é símbolo de realização profissional, de prestígio?

A questão do dinheiro, de dar excessiva importância ao que é material, está presente desde tempos muito antigos. Ela nos remete ao Bezerro de Ouro, citado no Antigo Testamento como um símbolo da adoração da riqueza material. Em Chevalier (1994, p.131), o encontramos como “ídolo da riqueza. É o deus dos bens materiais, substituto do deus do espírito.” O livro do Êxodo, capítulo 32, versículos 1-10 expõe a história de tal bezerro. Conta que o povo hebreu, saído do Egito durante o êxodo e passando dificuldades resolve, na ausência de Moisés, recolher todo o ouro disponível e fabricar um bezerro de ouro com o objetivo de criar um deus a ser adorado. Tal atitude do povo provoca a ira de Iahweh.

Colocar dinheiro acima de outros valores pode ser considerado algo pecaminoso,

digno de culpa, que pode suscitar a ira divina. Algumas pessoas chegam a ver no dinheiro a representação de sujeira. Esta forma de representá-lo se expressa concretamente na necessidade de lavar as mãos, tão logo o manuseiem, não necessariamente por questões de higiene.

Também nas histórias em quadrinhos, encontramos um personagem modelo da adoração ao dinheiro. Desde pequenas, as crianças são apresentadas a alguém que é capaz de qualquer coisa para aumentar sua fortuna, adquirindo novas moedas e/ou não perdendo nenhum das que ganhou: Tio Patinhas. Como símbolo, ele tem guardada, a sete chaves, a primeira moeda que deu origem a sua imensa fortuna, a “moedinha número 1”. A representação desse personagem para a sociedade é de alguém pão-duro. E, na verdade, os comentários de seus próprios sobrinhos a respeito desse tio não são os mais lisonjeiros!

E fica minha questão: os professores que a escolheram como negativa não gostaram mesmo da imagem ou a representação social de sovina, de só pensar em dinheiro não fica bem? Creditar valor ao dinheiro não estaria associado a ser representada como uma pessoa egoísta, que só pensa em si, podendo fazer qualquer coisa contra o outro para aumentar/manter seu patrimônio?

### **3 – Concluindo**

Sucesso é um tema no qual, consciente ou inconscientemente, estamos todos imersos e criamos nossas representações. Como foi analisado, o termo sucesso pode estar associado a representações positivas ou negativas. É associado a algo negativo quando atua como um fator que aprisiona o sujeito a uma imagem do que ele não é verdadeiramente, ou seja, a obrigação de passar uma imagem de sucesso a qualquer preço. É positiva quando se refere à realização do ser humano.

De acordo com a representação dos entrevistados, pode-se sintetizar que sucesso escolar pode ser representado pela capacidade do sujeito contribuir para o crescimento saudável de si mesmo e da sociedade em que vive.

Ao longo da análise das falas dos professores, de modo geral, pode-se perceber que o que foi dito verbalmente encontrou respaldo no simbólico. Algumas falas se mostraram tão parecidas com o que os estudos teóricos sobre os símbolos expressam, que pode parecer que o professor está repetindo algo lido em um dos livros especializados neste assunto. Isto confirma como as representações criadas em nossa sociedade estão impregnadas de conteúdos

inconscientes e que podem exercer forte influência nas escolhas das pessoas.

Por outro lado, é importante para o profissional poder tomar consciência delas, para melhor direcionar algumas opções que faz em sua vida.

Refletir sobre a representação de sucesso é crucial para a formação do professor uma vez que irá influenciar a maneira como ele vê e interage com o aluno, possibilitando sua melhor formação e contribuindo para que o sucesso possa tornar-se uma realidade. Conhecer a representação de sucesso pode ser fundamental para o bom desenvolvimento do seu trabalho vindo a refletir em sua própria vida e na vida do educando pois a mesma vai influenciar na forma como ele pensa sobre o aluno e como se posiciona em relação a ele e a educação.

Na prática do professor, como profissional, vê-se o reflexo de tudo aquilo que ele é em sua vida pessoal, seus sonhos, seus desejos, suas crenças, além da formação que ele próprio recebeu enquanto aluno. Este conjunto irá influenciar as escolhas que faz profissionalmente e de que teorias irão dar suporte a sua prática. Portanto, o professor para ser um profissional de excelência, além de estar atualizado sobre as novas informações que circulam diariamente, precisa estar sempre “atualizado de si mesmo”, buscar as representações que tem de seu aluno e que objetivos quer alcançar com seu trabalho. Com esta prática mais reflexiva, ele será um professor melhor e estará no caminho para maior satisfação pessoal e profissional.

## Referências bibliográficas

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. 6<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BÍBLIA DE JERUSALEM. São Paulo:Edições Paulinas, 1973.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 16<sup>a</sup>. ed. Vol. 1 e 3, Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BRENNER, Charles. *Noções básicas de psicanálise*, 3<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain et all, *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.

HALL, James A. *A experiência Junguiana: análise e individuação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

JODELET, Denise (org). *As representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JULIEN, Nadia. *Dicionário dos Símbolos*, São Paulo: Rideel, 1993.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. 3<sup>a</sup>. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MÜLLER, Lutz. *O Herói: todos nascemos para ser heróis*. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica*. 13<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

OSTROWER, Fayga, *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

\_\_\_\_\_ *Universos da Arte*. 7<sup>a</sup>. ed, Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SANFORD, John A. *Destino, amor e êxtase: a sabedoria das deusas gregas menos conhecidas*. São Paulo: Paulus, 1999.

### **Sites consultados**

[www.graciemag.com](http://www.graciemag.com)  
[www.esportesite.com.br](http://www.esportesite.com.br)  
[mundosebrae.files.wordpress.com](http://mundosebrae.files.wordpress.com)  
[ante-et-post.weblog.com](http://ante-et-post.weblog.com).  
[www.twtviagens.net](http://www.twtviagens.net)  
[lezio.junior.zip.net/imagens/sucesso.jpg](http://lezio.junior.zip.net/imagens/sucesso.jpg)  
[www.fdsports.com.br](http://www.fdsports.com.br)  
[http://flavianaitalia.blogspot.com](http://http://flavianaitalia.blogspot.com)  
[commons.wikimedia.org](http://commons.wikimedia.org)  
[www.universohq.com](http://www.universohq.com)

### **Nota:**

Este artigo teve como base um capítulo da dissertação de mestrado da mesma autora defendida em abril de 2009 e desenvolvida com o apoio financeiro da FAPERJ e CNPQ.